

Do campo da pesquisa ao campus do conhecimento: Instrumentalização da literacia de informação em meio académico

Tatiana Sanches

Divisão de Documentação

Faculdade de Psicologia e Instituto de Educação

Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1649-013 Lisboa

Tel: 217943801

E-mail: tsanches@fpie.ul.pt

RESUMO

Este estudo procura justificar como a literacia de informação pode contribuir de forma efetiva para a construção e produção de conhecimento em âmbito académico, isto é, como, a partir deste domínio e da sua instrumentalização é possível preparar o momento em que o aluno universitário se sente capacitado para produzir e registar novo conhecimento através da escrita. Partindo das ideias de emancipação e autonomização do aluno de terceiro ciclo, princípios assegurados pela pedagogia universitária, propõe-se que a biblioteca universitária possa contribuir, através da formação em literacia de informação, não só para a pesquisa, seleção e avaliação da informação, mas também para a produção e apresentação do conhecimento científico, por parte do aluno universitário, ambição e meta deste nível de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliotecas universitárias; pedagogia universitária; literacia da informação; escrita académica;

ABSTRACT

This study seeks to explain how information literacy can contribute effectively to the construction and production of knowledge in academic context, ie, as from this domain and its instrumentalization is possible to prepare the time when the college student feels able to produce and record new knowledge through writing. Based on the ideas of emancipation and empowerment of the third cycle student's, principles guaranteed by the university pedagogy, it is proposed that the university library can contribute with training in information literacy, not only for research, evaluation and selection of information, but also for the production and presentation of scientific knowledge by the university student, ambition and goal of higher education.

KEYWORDS: University libraries, university pedagogy, information literacy, academic writing;

NOTA PRÉVIA

A presente comunicação reflete, em parte, uma investigação teórica mais alargada, ainda em curso, materializada na tese de doutoramento desenvolvida pela autora sobre este mesmo tema. Por outro lado, analisa a experiência da formação de utilizadores da Biblioteca que atualmente dirige, na Faculdade de Psicologia e no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Intenta-se assim associar uma reflexão teórica às práticas profissionais, fundamentando os percursos e opções tomadas na gestão daquela biblioteca universitária.

INTRODUÇÃO

Ao pretender demonstrar neste trabalho a relação da universidade com a biblioteca universitária, admito um projeto de participação identitária recíproca, que encontra correspondências fundadas na relação pedagógica, sustentação da matriz escolar e, conseqüentemente, também da matriz universitária. Procuo aprofundar o tema, no sentido de compreender como a pedagogia universitária se constitui e o que de característico desta penetra na ação da biblioteca universitária, designadamente nas aprendizagens em contexto biblioteconómico. É por isso particularmente importante o foco na formação de utilizadores, já que, no que respeita à literacia de informação – uma matéria chave ministrada em contexto de bibliotecas – está igualmente subjacente uma relação pedagógica.

Encontrar pontes entre a literacia de informação, como matéria de formação de utilizadores (para a sua capacitação e autonomia), no contexto das bibliotecas universitárias, e a pedagogia universitária, enquanto mecanismo de autonomização e emancipação do aluno, é o principal objetivo do estudo. Objetivo porquanto é sua pretensão justificar a implementação de práticas formativas neste âmbito, aproveitando as características permeáveis e compreensivas da literacia informacional para as matérias curriculares. Ressalvo, no entanto, que não é intenção deste trabalho afirmar a aplicação de um determinado modelo formativo, pois não se reúnem de momento as condições para a verificação da sua validade empírica.

A LITERACIA DA INFORMAÇÃO EM MEIO ACADÊMICO

No interessante capítulo “Collaboration for learning: managing information literacy”, do livro *Defining Relevancy* (Hurlbert, 2008: 85), Sterngold inicia a sua participação referindo que a maioria de nós concorda com a ideia de que os programas de formação ministrados pelas bibliotecas devem desenvolver mais do que as competências bibliográficas dos estudantes:

Library instruction should enhance the students' information literacy (IL), including the ability to employ a variety of strategies and tools to acquire, evaluate, and use information to solve problems and gains knowledge as well as an understanding of the role of information technologies and resources in modern society.

A literacia da informação, isto é, a habilidade de manipular a informação de forma consciente e consequente, torna-se mais abrangente à medida que as necessidades dos estudantes no meio académico vão progredindo. Este crescimento exige também uma outra colaboração das bibliotecas, colocando-se de forma mais premente, e do meu ponto de vista, na concretização e validação das competências no momento de produção de uma escrita com ambição científica. Os estudantes que utilizam as bibliotecas académicas procuram prover-se de meios informativos que lhes permitam complementar o conhecimento apreendido em contexto de aula, buscando produzir autonomamente uma compreensão global ou particular dos diversos temas disponíveis. Esta autonomia só é possível após uma primeira fase de aprendizagem das estratégias de pesquisa e localização / recuperação da informação. Mas as competências específicas no âmbito da literacia da informação passam pelo domínio de nove critérios para a aprendizagem dos estudantes: (1) saber aceder à informação eficiente e eficazmente; (2) avaliar a informação de forma crítica e competente; (3) usar a informação de forma adequada e criativa; (4) procurar informação relacionada com os seus interesses pessoais; (5) apreciar a literatura e outras formas e expressões criativas da informação; (6) buscar a excelência na pesquisa de informação e geração de conhecimento; (7) contribuir positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade compreendendo a importância da informação para uma sociedade democrática; (8) praticar um comportamento ético no que respeita à informação e às tecnologias da informação; (9) participar efetivamente em grupos que buscam e geram informação. (AASL, 1998: 8-9)

Todavia, à luz de novas propostas, a literacia da informação não se poderá limitar a estas ações, tendo necessariamente de refletir e atuar sobre técnicas e métodos de redação e apresentação de trabalhos académicos. Pretendo discutir e problematizar esta ideia, expressa no artigo de Stanley Wilder (2005), *Information literacy makes all the wrong assumptions*, onde este autor expressa:

But information literacy remains the wrong solution to the wrong problem facing librarianship. It mistakes the nature of the Internet threat, and it offers a response at odds with higher education's traditional mission. Information literacy does nothing to help libraries compete with the Internet, and it should be discarded.

(...)One alternative to information literacy is suggested in a comment by my colleague Ronald Dow: "The library is a place where readers come to write, and writers come to read." Dow casts students not as information seekers, but as apprentices engaged in a continuous cycle of reading and writing.(...) More specifically, librarians should use their intimate knowledge of the collections they manage and the writing process as practiced in the disciplines to teach apprentice readers and writers.

A ideia de que a literacia de informação permanece enganada no seu propósito – o de ensinar a pesquisar informação – é uma provocação para a maioria de nós. Contudo, a proposta alternativa – a de que se deve encarar o estudante como parte do ciclo de produção de informação, enquanto leitor-escritor, não deixa de ser aliciante. E pensarmos que o papel do bibliotecário pode deixar de ser o de “ensinar a pesquisar”, para passar a ser antes o de colaborar na assunção, por parte do estudante universitário, de um papel de produtor de conhecimento, para o qual é preciso pesquisar, avaliar e selecionar informação, é realmente diferente. De facto, na dialética entre a informação e o conhecimento, é exigida uma competência leitora, mas a comprovação da competência académica ao nível universitário joga-se na escrita, pelo que o bibliotecário terá de estar atento a este objetivo, posicionando-se ativamente, de forma colaborativa, em relação ao aluno. Como poderemos, enquanto bibliotecários, assistir a esta metamorfose que se realiza em sede universitária, contribuindo para que o trânsito da informação ao conhecimento se realize? Para que, exatamente, se transite do campo da pesquisa para um *campus* de conhecimento?

A PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA COMO INSPIRAÇÃO PARA AS BIBLIOTECAS

Podemos admitir que o processo educativo universitário é destinado maioritariamente a jovens em transição para a vida adulta. Por este facto, é importante considerar que as características deste grupo social (como a variável da idade, as características psicossociais e biológicas, mas também o percurso escolar concluído ou as expectativas de formação) são fundamentais para o desenho e organização das matérias de aprendizagem, por um lado, e para a sua compreensão e receção, por outro. Isto é, a forma como se irá adequar a pedagogia universitária tem em conta a população a que se destina, como terá em conta o contexto de aprendizagem, o currículo, as competências a adquirir, entre outras premissas. Embora o processo de aprendizagem do jovem adulto (ou do adulto em constituição) contraste com o processo de aprendizagem da criança, existem naturalmente pontos em comum. Contudo, o que os distingue essencialmente centra-se na intervenção que o sujeito da aprendizagem (o aluno) tem nesse mesmo processo, na sua moldagem e adaptação e na intervenção ou tomada de decisão deste sobre aquilo que é o objeto de aprendizagem.

Relaciono com estes aspetos uma interessante explanação sobre a pedagogia enquanto ciência da emancipação da criança feita por Petra Ponte e Jan Ax (2010:324-335). Estas autoras referem, no que diz respeito concretamente à relação pedagógica (Ponte & Ax, 2010: 327):

After all, every pedagogical relationship has mores and they are culturally, socially and materially determined. In other words: pedagogical praxis is a culturally and socially embedded situation in which the upbringing purposefully tries to help the child to become an adult.

Isto significa que a relação pedagógica é entendida como a *condução da criança*, no sentido literal do termo, e que procura trazê-la para o estado adulto. No entanto, o enfoque da ação é colocado do lado do adulto e não da criança.

Nesta sequência podemos refletir sobre a conjugação dos dois vocábulos que constituem a expressão *pedagogia universitária*. Contrariando a expressão *pedagogia*, o atributo *universitária* contextualiza, modificando de alguma forma o seu conceito base, já que na Universidade, o “guiar” é simultaneamente uma incitação a um percurso individual, logo, solitário. Ou seja, enquanto pedagogia, reconhece o triângulo interoperativo que articula aprendente, educador e contexto, construído em torno de um objeto de aprendizagem, focando-se na interação professor-aluno. Porém, estimular um percurso autónomo, a partir de uma experiência necessariamente individual, torna-se num instrumento para a reflexão (pensamento e transformação), aprendizagem e crescimento. Como consequência, a tradicional pedagogia, baseada na díade professor-aluno, origina, em contexto universitário, o questionamento e a problematização, tornando-se numa tecnologia auto-direcionada ao sujeito da aprendizagem, que faz com que este, por si próprio, possa conduzir o processo.

No fundo, a pedagogia em sede universitária procura ser um processo experiencial imanente, pessoal e único, de que o adulto aprendente é parte atuante, controlando o seu percurso.

A este propósito, e no que respeita concretamente à educação de adultos, Witte & Witte (2006: 31) referem que os adultos traçam os planos para a sua própria aprendizagem, orientando essa aprendizagem a objetivos muito concretos:

Current thinking requires a deeper understanding of the learner's decision-making process, since adult learners usually guide and plan a majority of their own learning. Adults will participate in learning activities in order to (a) pursue a utilitarian goal, such as a degree, certification, or licensure, (b) enjoy the activity associated with the learning setting, such as socialization of school or being with individuals who have similar interests; or (c) seek learning for its own sake, such as lifelong learner or intellectually curious.

Estas ideias, de cariz autónomo, contribuem para uma conceção da aprendizagem por parte do adulto (e do jovem adulto) como algo utilitário, na medida em que ela se torna instrumental para a obtenção de outros objetivos, deixando de ser um fim em si mesma. É esta a linha de pensamento que pode inspirar as bibliotecas académicas numa atuação estimulante para os seus utilizadores.

O ACOMPANHAMENTO DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NAS BIBLIOTECAS ACADÉMICAS

Para o acompanhamento do aluno universitário, tendo estas ideias em conta, há que estabelecer uma proximidade, nem sempre fácil ou pacífica, já que esta proximidade se forja na tensão entre autonomia-orientação, presente sobretudo no estudante jovem. Já num outro momento tive oportunidade de explanar acerca da relação entre o desenvolvimento psicossocial do adolescente e as leituras que ele desenvolve, concretamente argumentando que quaisquer experiências de leitura partilhada (ou recomendada) só resultam quando encontram a adequação do tipo de leitor (grau de maturação) ao tipo de leitura (grau de complexidade narrativa) (Sanches, 2005). A propósito podemos refletir na mesma associação, no que se reporta à produção e escrita do conhecimento. Por outras palavras, entende-se que é necessária uma adequação da formação ministrada ao grau de desenvolvimento académico e psicossocial de cada aluno e que esta adequação se vai revelar na possibilidade de concretização do trabalho académico.

A compreensão global das necessidades de aprendizagem dos estudantes revela que embora importante, não é apenas o contexto físico que determina o sucesso na aprendizagem. Nem tão só as características intrínsecas e psicossomáticas dos estudantes, os estilos de aprendizagem, os conhecimentos prévios das matérias ou as exigências da entrada no ensino superior, que influem no sucesso educativo, sendo que existe um importante papel que cabe, do lado institucional, ao contexto educativo oferecido de uma forma mais ativa, como referem, por exemplo, Veloso e outros (2010: 102). Daí que seja de sublinhar que a biblioteca universitária tomada como contexto pedagógico, como a entendo, pode situar-se num lugar determinante para contribuir para este sucesso académico.

A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICO-FORMATIVA DE UMA BIBLIOTECA NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

A experiência realizada pela biblioteca da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação, da Universidade de Lisboa, partiu destes pressupostos e, com um histórico de cerca de uma década na formação de utilizadores, alicerçou a construção de um plano de formação que adiante detalharei.

É importante referir que esta biblioteca, anteriormente dependente de uma única instituição – a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – vem desde 2010 a prestar suporte à investigação e ao ensino das duas instituições criadas em 2010 – a Faculdade de Psicologia e o Instituto de Educação, da Universidade de Lisboa.

O património acumulado da experiência de formação dos últimos anos merece uma breve descrição. Desde a profunda reestruturação da biblioteca em análise, em 2003 e 2004, o que originou mais tarde a criação da Divisão de Documentação, que foi diagnosticada a necessidade de promover os recursos existentes na biblioteca. As primeiras ações de formação desenvolveram-se sobretudo nesse sentido e o papel dos técnicos focava-se em transmitir as melhores formas de aceder às coleções físicas e digitais. Em 2008, decorrente de um projeto levado a cabo pelo

bibliotecário Jorge Revez, a Divisão de Documentação dedicou-se a implementar de uma forma mais sistemática, os princípios subjacentes à literacia de informação. Não é demais deter-me em alguns contornos daquele projeto, já que foi o impulsionador das práticas sistematizadas que corporizam o processo formativo atual. Em primeiro lugar é de sublinhar que a implementação deste modelo formativo não resultou na importação de modelos teóricos estudados e validados, nem tão pouco da observação de casos empíricos conhecidos no nosso país ou no estrangeiro. O projeto decorreu de necessidades sentidas localmente e assentou no estudo de instrumentos orientadores, emanados de instituições internacionais. Esta metodologia procurou refletir uma preocupação de sustentação teórica, na medida em que o projeto foi internamente construído, conferindo a credibilidade necessária junto dos principais públicos e interessados – a comunidade académica da então Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Jorge Revez (2008) referia então, no Plano de Formação de Utilizadores aplicado nesta biblioteca, que os objetivos do mesmo seriam:

Definir uma grelha de competências em literacia da informação científica para a FPCE que contemple a diversidade da comunidade académica, baseada nos instrumentos internacionais que melhor se adequam a este espaço de intervenção, especificamente, Information Literacy Competency Standards for Higher Education (American Library Association, 2000) e Objectives for Information Literacy Instruction: A Model Statement for Academic Librarians (American Library Association, 2001); Para competências basilares, incluímos ainda: Information Literacy Standards for Student Learning (American Association of School Librarians, 1998);

Promover a implementação de um modelo de formação decalcado desta grelha de competências: numa primeira fase, em que a Biblioteca tomará a iniciativa desta formação, através de um espaço aberto e temático semanal; numa segunda fase, em que se procurará, na medida do possível, combinar o modelo formativo com a realidade curricular e/ou de tutoria existente na FPCE;

Apoiar as respostas a solicitações de formação que frequentemente recebemos, adequando os conteúdos aos diferentes públicos de uma forma normalizada, sistematizada e fundamentada;

Criar, no fundo, currículos e práticas de formação em literacia da informação que forneçam as competências vitais para o sucesso académico e aprendizagem ao longo da vida da comunidade da FPCE.

E de facto foi desenvolvido um aturado trabalho de sistematização dos documentos oficiais internacionais, tendo sido criada uma grelha de competências, grelha esta que enquadrou desde então o programa da formação “*Aprender a aprender com a biblioteca*”. É também importante referir que foram criados quatro módulos sequenciais, definidos gradativamente tendo em atenção os ciclos de estudos, e que expressavam as várias competências de informação de acordo com os padrões de conhecimentos e habilidades a adquirir:

Começar o trabalho científico

Literacia da informação I – que abrange as competências definidas no Padrão 1 (*O estudante determina a natureza e a extensão da informação da qual necessita*)

Aceder à informação

Literacia da Informação II - competências definidas no Padrão 2 (*O estudante acede à informação de forma eficaz e eficiente*);

Avaliar e utilizar a informação

Literacia da informação III - competências definidas nos Padrões 3 (*O estudante avalia a informação e as suas fontes de forma crítica e incorpora a informação selecionada na sua base de conhecimentos e sistema de valores*), 4 (*O estudante, individualmente ou em grupo, usa a informação de forma eficiente de forma a atingir um objetivo específico*) e 5 (*O estudante compreende os principais problemas económicos, legais e sociais em torno do uso da informação e usa-a de forma ética e legal*)

Uma sessão livre - *Módulo Geral*, em que os inscritos podem colocar questões concretas e resolver problemas pessoais.

O plano de formação foi aplicado nos anos subsequentes com sucesso assinalável, tendo havido uma quebra de inscrições no ano letivo de 2010/11. Neste ano outra técnica profissional esteve como responsável pelo projeto formativo, experimentando-se uma abordagem alternativa, que incluía uma visita à biblioteca. A experiência demonstrou, apesar dos ótimos resultados qualitativos na avaliação das sessões, que o modelo não resultou tão bem como o anterior, originando poucas inscrições.

No início de 2012 considerou-se necessária uma abordagem global da gestão da Divisão, com o envolvimento pleno dos colaboradores da equipa, responsabilizando cada membro por um determinado projeto de trabalho, a desenvolver a 2 ou 3 anos. Com vista a estabelecer orientações de médio prazo, foi definido um plano estratégico que assentou numa análise swot à Divisão de Documentação. Enquadrados pela missão da biblioteca, e tendo em conta as áreas diagnosticadas como passíveis de investimento ou melhoria, foram elencados os projetos a desenvolver.

Uma das principais atividades da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação é a formação graduada e pós-graduada. Para que o processo de ensino-aprendizagem possa ser profícuo e concretizar-se da melhor forma, a biblioteca deve assumir também nesta área um papel interventivo, com vista a tornar a experiência de utilização dos espaços e recursos da biblioteca proveitosa e benéfica para o utilizador final. Para tal, a Biblioteca elegeu uma linha de ação que, seguindo o caminho anteriormente iniciado, pudesse consolidar e por em prática uma visão da formação que estivesse centrada nos interesses dos utilizadores.

GARANTIR UMA FORMAÇÃO ADEQUADA AOS UTILIZADORES

Surgiu assim a necessidade de preparar um Plano de Formação que contemplasse, para além da formação inicial aos alunos em contexto de aula (a pedido dos docentes), uma formação específica para níveis

diferenciados e uma formação por unidades temáticas, de inscrição livre. Em conjunto, esta oferta formativa tende a suprir as carências em literacia da informação, procurando contribuir para o desenvolvimento de competências na pesquisa, avaliação e transmissão da informação.

A experiência amadurecida dos últimos anos levou assim a que, já em 2012, a bibliotecária Cristina Lopes, que vinha igualmente a assegurar as sessões junto dos alunos ao longo dos anos, elaborasse, como responsável deste projeto, um novo programa de formação. Depois de uma reflexão interna da equipa (partilhada por estes bibliotecários), parte da qual pode expor na primeira parte desta comunicação, e na senda das anteriores matérias, este programa procurou dar atenção às necessidades específicas dos utilizadores.

Relembremos que, além do programa de formação estruturado que aqui se explica, esta biblioteca assegura a formação em contexto de sala de aula (principalmente no início do ano escolar) a pedido dos docentes. Nestes casos, a formação é adaptada a cada turma, concentrando-se na demonstração dos recursos digitais, incluindo exemplos práticos de recuperação de informação específica, para garantir aos novos alunos a ilustração da realidade a que poderão aceder localmente ou via internet.

No programa que agora se detalha, as inscrições são livres, ficando ao critério dos alunos a sua frequência. A estratégia de alterar o título das formações, incluindo uma componente explicativa para melhor enquadrar os públicos-alvo, foi, no nosso entender, determinante para o sucesso destas ações. A formação foi preparada tendo em conta as necessidades indicadas por diversos utilizadores e formulada de maneira apelativa, procurando uma adequação ao nível de ensino e ao nível de complexidade inerente a cada uma das propostas formativas.

Os três módulos do programa apresentaram-se da seguinte forma:

- *Pesquisar e gerir informação I: apoio a trabalhos académicos*

- *Pesquisar e gerir informação II: apoio a teses e dissertações*

- *Software de gestão bibliográfica: my end note web*

O texto de apresentação disponível nos sites institucionais para publicitar estas sessões foi construído tendo em conta as solicitações dos utilizadores:

*Se pretende otimizar o seu tempo, encontrar os recursos mais pertinentes e apresentar um **trabalho académico** baseado em informação de qualidade, ou preparar a informação para **elaborar a sua tese**, venha adquirir competências na **pesquisa e gestão de informação**, inscrevendo-se numa sessão. As sessões de formação são aplicadas à Psicologia e à Educação e abordam temas como estratégias de avaliação de fontes, bibliografias, evitar o plágio, dicas para melhorar as pesquisas na internet, **My endnote web**, entre outras. Todas as sessões incluem uma demonstração dos recursos eletrónicos através de*

exercícios práticos e a possibilidade de experimentar recursos como o portal EBSCOHost, SIBUL ou AtoZ.

A principal mudança relaciona-se precisamente com a ideia de que a literacia de informação responde já a outras solicitações, que, no caso dos estudantes universitários, se prendem com a necessidade de cumprimento de objetivos académicos: a realização de trabalhos para as diversas cadeiras; a obtenção de um grau académico, através da apresentação de uma dissertação ou tese no final do curso; o prosseguimento de uma investigação, para o que é necessária uma gestão de bibliografia mais aprofundada.

No caso concreto em que nos debruçamos, a ideia de nivelar em três ações o plano de formação corresponde à concretização destes objetivos, já que direciona a literacia da informação a aspetos muito concretos da aprendizagem que estão intimamente ligados ao ciclo de ensino que os estudantes frequentam – 1º ciclo (licenciatura), 2º ciclo (mestrado) ou 3º ciclo (doutoramento).

As matérias destes currículos concentram-se nos seguintes itens:

Pesquisar e gerir informação: apoio a trabalhos académicos

-Avaliação das fontes de informação:
Livros, revistas, pesquisas *on-line*
-Critérios para a avaliação da informação
-Plágio
-Recursos eletrónicos da biblioteca
Pesquisa direcionada:
Operadores booleanos
Sinonímia
Truncatura
Palavras-chave
Chaves de pesquisa
Limitadores de resultados

Pesquisar e gerir informação: apoio a teses e dissertações

-Plágio
-Leitura e recuperação da informação
-Organização da informação
-Seleção da informação
-Anotações
-Softwares de armazenamento bibliográfico
-Recoleção da informação: porquê e para quê
-Atualização de conhecimentos e alertas de informação
-Estratégias de registo de informação
-Estratégias de escrita
- Gestão de tempo

Software de gestão bibliográfica: my end note web

Exportação de citações a partir da EBSCO-Host
Criação e arquivo de bibliografias no My Endnote Web
Exportação para word

As competências de informação são exercitadas em contexto formativo, aspeto assegurado porque as salas

em que decorre a formação estão apetrechadas com computadores para que os alunos possam realizar exercícios, como pesquisar informação. A par julgou-se importante, como é possível observar pelos conteúdos das formações, complementar a formação com outros tópicos (tendo em conta a necessidade de cumprimento dos objetivos académicos).

O balanço das formações ministradas é francamente positivo, de tal forma que, apesar de esta oferta formativa ter sido elaborada para o público interno, foram diversas as solicitações externas para a sua frequência. Além desta procura, a perceção do sucesso decorre de uma avaliação sistemática recolhida no final das sessões (como tem sido feito, aliás, em todos os anos anteriores). Os resultados dos questionários lançados aos utilizadores, já em 2012, em todas as sessões realizadas são demonstrativos da boa receptividade deste programa:

97,7% de média na satisfação dos utilizadores relativamente às sessões apoio a trabalhos académicos; 95,4% nas sessões de apoio a teses e dissertações; 95,3% nas sessões dedicadas ao *my end note web*

De referir, no entanto que, apesar da obtenção desta avaliação do programa por parte dos utilizadores, não existem dados objetivos acerca do seu impacto no sucesso académico destes alunos, estando por realizar um estudo mais aprofundado neste sentido.

Ainda assim, observemos com detalhe e a título exemplificativo, alguns dos conteúdos do programa de formação *Pesquisar e gerir informação: apoio a teses e dissertações*.

Um dos tópicos transversais à formação é o Plágio. Este conceito está contido nos padrões de competências anteriormente explicados, especificamente aquele em que se refere que *“O estudante compreende os principais problemas económicos, legais e sociais em torno do uso da informação e usa-a de forma ética e legal”*. Assim, é abordado de forma explicativa, demonstrando-se com exemplos o que significa e como se deteta. Segue-se a explanação de algumas formas muito concretas para evitar o plágio e por fim são recomendados *links* para desenvolvimento da pesquisa sobre o assunto. Além das estratégias de recuperação de informação ou sobre a forma de a organizar, tópicos que são igualmente desenvolvidos durante a formação, outro aspeto introduzido corresponde às estratégias de escrita, ponto em que se fornecem algumas ideias práticas para lidar com a obrigatoriedade de escrever, sugerindo-se no final alguns *sites* com esta matéria.

DA PESQUISA DE INFORMAÇÃO À ESCRITA DO CONHECIMENTO

A inclusão deste tópico não é de todo inocente. É aliás uma resposta à reflexão lançada no início desta comunicação. Torna-se relevante o enquadramento da escrita num ciclo de produção científica, mostrando ao aluno que é a sua autoridade na escrita do texto académico (o ser autor, sendo original no ponto de vista que coloca sobre as ideias de outros) que alimenta a investigação, a produção científica e, portanto, o conhecimento. É esse o início de um processo que sustenta o circuito editorial e que, por fim, conecta e dá sentido à documentação disponível numa biblioteca

universitária.

O estudante deixa de ser um consumidor-leitor, para ganhar a consciência de que também ele poderá ser um produtor-escritor. Esta consciência, tantas vezes arredada do percurso universitário, é, do meu ponto de vista, determinante para capacitar o estudante da sua condição de potencial criador e não apenas reproduzidor de conhecimento. Para tanto entendo ser necessário, para além do percurso académico formal, um percurso individual de crescimento intelectual, em que as bibliotecas académicas, pela sua condição intraescolar, mas ao mesmo tempo reféns de uma extraterritorialidade relativamente à escola, se podem assumir como estratégicas para incitarem a aprendizagem individual e autónoma. A este propósito – ainda que se debruçando sobre as bibliotecas escolares - refletiu também Rui Canário (2005:101), referindo:

O centro de recursos permanece ou como um território periférico, “desescolarizado”, ou como um complemento da “aula”, subordinando-a à lógica escolar, podendo mesmo, por um efeito perverso, reforça-la, legitimando-a.

A biblioteca universitária, aproveitando positivamente esta característica de fronteira, e tomada como contexto pedagógico como a entendo, pode situar-se antes num lugar privilegiado para contribuir para o sucesso académico dos estudantes, através do espaço de possibilidade que propicia e que a autonomia individual necessita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que o reforço da relação pedagógica no contexto da biblioteca universitária passa exatamente pela procura ativa dos interesses e expectativas dos estudantes. Esta biblioteca, como instituição direcionada para o apoio à aprendizagem e para o suporte à investigação, deve por isso estar atenta às mudanças que a aprendizagem implica, podendo inspirar-se na pedagogia universitária.

A experiência da Biblioteca da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação é apenas um exemplo da aplicação destes pressupostos, não sendo contudo, este projeto formativo, um modelo analisado sobre uma perspetiva científica. Ainda assim, pode considerar-se como uma prática já incorporada na comunidade a que se destina, obtendo-se, de ano para ano, uma resposta muito positiva destes utilizadores. Se a literacia de informação, enquanto matéria permeável a um vasto campo de disciplinas, pode contribuir para uma melhor aprendizagem, tendo como objetivo último o sucesso académico dos alunos, como é minha convicção, creio que as bibliotecas podem utiliza-la, instrumentaliza-la. E tal levará ao cumprimento da sua missão pedagógica, contribuindo, nesta lógica, de maneira decisiva para a formação dos alunos em contexto universitário.

Podemos antever uma imersão destas práticas formativas no currículo académico, como já acontece noutras realidades, nacionais e internacionais. Alguns estudos consideram ser este o melhor caminho para uma vantagem competitiva, quer na capacidade de aprender ao longo da vida, quer na empregabilidade e adequação às exigências sociais por parte dos atuais alunos do

ensino superior.

No caso da Universidade de Lisboa espera-se, num futuro próximo, conseguir uniformizar a oferta de práticas formativas neste contexto, melhorando o contributo que as diversas bibliotecas têm já no percurso académico dos estudantes.

Uma palavra final é devida para agradecer à equipa da biblioteca, particularmente aos bibliotecários que têm assegurado a formação de utilizadores, Jorge Revez e Cristina Lopes. Pelos importantes contributos, reflexões e ações desenvolvidas em prol da comunidade académica da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, e por terem substantivamente contribuído para a matéria desta comunicação, o meu obrigado.

REFERÊNCIAS

ALA - Information literacy competency standards for higher education [em linha]. Chicago, Illinois: The Association of College and Research Libraries. The American Library Association, 2000. Disponível em: <http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/standards/standards.pdf>

ALA - Objectives for Information Literacy Instruction: a model statement for academic librarians. Chicago, Illinois: The Association of College and Research Libraries. The American Library Association, 2001

ASLA - Information Literacy Standards for Student Learning. American Association of School Librarians, 1998

CANÁRIO, Rui - O que é a escola?. Porto: Porto Editora, 2005

HURLBERT, J. McNeil, ed. – Defining relevancy: managing the new academic library. Westport: Libraries Unlimited, 2008.

LOPES, Cristina – Programa de formação da biblioteca FP-IE [documento policopiado]. Lisboa: FPIE, 2012

PONTE, Petra, AX, Jan. - Action research and pedagogy as science of the child's upbringing. In NOFFKE, Susan; SOMEKH, Bridget - The Sage Handbook of educational action research. London: Sage, 2010, pp. 324-335.

REVEZ, Jorge – Plano de formação de utilizadores: biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa [documento policopiado]. Lisboa: FPCE, 2008

REVEZ, Jorge – Plano de formação de utilizadores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa: conteúdo das unidades de formação [documento policopiado]. Lisboa: FPCE, 2008

SANCHES, Tatiana - Grupos de leitura para jovens: "Passa a palavra": um modelo de promoção da leitura na Biblioteca Municipal do Seixal [documento policopiado]. Lisboa: FPCE, 2005. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação (Área de

Especialização em Educação e Leitura) apresentada à Universidade de Lisboa através da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

VELOSO, H., COSTA, A. F., LOPES, J. T. - Factores, representações e práticas institucionais de promoção do sucesso escolar no ensino superior. Porto: Universidade do Porto, 2010

WILDER, Stanley - Information Literacy makes all the wrong assumptions. LITERACY & NUMERACY STUDIES, 14(1), 69-72 (2005).

WITTE, M. M.; WITTE, J. E. - Adult education. In ENGLISH, F. W., ed. Encyclopedia of educational leadership and administration. Thousand Oaks: Sage, 2006. 2 vols.